

“Do momento em que somos um diálogo.”

(Hölderlin)

Pluralidade. Singularidade. Palavras, significantes que tecem um dos grandes desafios contemporâneos nas políticas públicas, na organização dos serviços e na formação profissional em diferentes áreas do conhecimento: o acolhimento e a valorização da alteridade humana. Na educação, seus fios-sentidos tramam uma complexa e delicada rede que envolve, entre outras coisas, a escolarização de crianças e adolescentes que vivem impasses em seu processo de constituição subjetiva – também nomeadas, segundo os manuais classificatórios, como autistas, com transtorno do espectro autista (TEA) ou transtorno global do desenvolvimento (TGD). São sujeitos que, em consequência de uma estruturação psíquica singular, podem apresentar comportamentos estereotipados, falas descontextualizadas ou aparentemente sem nexos, escritas e leituras presas na literalidade do texto ou com sentidos errantes. Constantemente, essas diferenças são percebidas como impedimentos, justificando-se, assim, a ausência de escola ou de práticas reeducativas, com vistas à adaptação comportamental.

A partir das políticas educacionais inclusivas, tal quadro começa a sofrer alterações, de modo que, para sua real efetivação, exige-se um trabalho de transposição da letra das leis para o cotidiano das escolas – trabalho a ser operado por cada um que se envolva na escolarização desses alunos. Sabemos que a matrícula não é suficiente para garantir efeitos constitutivos e potencializadores da aprendizagem, é necessário um esforço no sentido de criar espaços de pertença e desenvolvimento cognitivo, afetivo e social; o que não se faz sem educadores, cuja formação e desejo lhes permitam o engajamento nessa construção. Oferecer tal formação e fomentar tal desejo é um desafio para as redes de ensino, as escolas, os professores e os profissionais envolvidos com a infância. Desafio que tomamos como eixo do *Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura* (NUPPEC), vinculado à Faculdade de Educação e ao Instituto de Psicologia, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desejo

compartilhado e relançado por meio deste livro – *Psicanálise, educação especial e formação de professores: construções em rasuras* –, escrita feita em companhia, onde são transmitidos alguns dos efeitos de um percurso formativo cuja avenida principal se faz de escritas e leituras; de um chamado reiterado a ler o vivido e a escrever a experiência de ser professor de um aluno que interroga nossas tradicionais formas de ensinar.

O Capítulo 1, com título homônimo ao livro, escrito por Simone Zanon Moschen, Carla K. Vasques e Cláudia Bechara Fröhlich, apresenta os contornos e os operadores conceituais dessa experiência formativa. O *curso das letras* tem por cerne a aposta na educabilidade, na função constitutiva da escola e do professor, na força da palavra e da letra como dispositivo de reinvenção das possibilidades de ser e estar na escola.

Reinventar caminhos subjetivos e escolares parece-nos associado à queda da lógica médica e dos sistemas classificatórios, tão presentes na cultura contemporânea. Leda Mariza Fischer Bernardino, no Capítulo 2, *O não decidido da estrutura na infância e a questão do diagnóstico*, deslinda esse assunto ao questionar saberes cristalizados sobre um sujeito que não é, em sua totalidade, passível de classificação. A autora propõe outra perspectiva de leitura – construída na relação com o outro, com o simbólico –, capaz de ressignificar a posição do professor.

Nesse mesmo viés argumentativo, Maria Aparecida Affonso Moysés e Cecília Azevedo Lima Collares, no Capítulo 3, *Produção do fracasso escolar e medicalização da infância e da escola*, interrogam e denunciam os efeitos de um discurso que medicaliza a educação ao transformar problemas pedagógicos e políticos em médicos.

Esvaziados de seu caráter enunciativo, o comportamento, o gesto e o silêncio são, nessa perspectiva, enquadrados, depurados pelos inúmeros questionários e escalas de medidas, a ponto de perderem o valor de palavra dirigida a alguém. O que era diálogo transforma-se em reação, perdendo-se, assim, a especificidade do humano e a potência de compreender a escola como lugar de encontro e acolhimento. Como contraponto à cegueira totalizante, defende-se certo trilhar pelas sombras, apostando na dimensão profana e criadora da palavra. Tal ponto de vista ganha espaço no Capítulo 4, *Formação de professores e transmissão da experiência: narrar, poetar, profanar*, de Roselene Gurski. Ao produzirem-se condições de registro do gesto mínimo, do detalhe criador e criativo,

abre-se a dimensão da polissemia e do brincar, o que é capaz de impactar sobremaneira os processos inclusivos.

Essa construção convida os professores a um deslocamento de olhar sobre o aluno identificado como com TGD: de um nada, que cega e paralisa, a um vazio, condição mínima de aprendizagem que pode vir a ser potência criativa, campo de jogo do ensinar e do aprender. No capítulo 5, *Do nada ao vazio: narrativas do silêncio*, de Cláudia Bechara Fröhlich, tal tessitura faz-se em diálogo com a literatura, a magia e as fadas – gestos de leitura capazes de descrever, inventar e sustentar a inscrição de outra prática pedagógica.

Nesse saber fazer pelas vias daquilo que “mora no chão”, Luciane Pandini Simiano e Carla K. Vasques, no Capítulo 6, *Palavras em torno do vazio: a documentação pedagógica como percurso narrativo no contexto da educação infantil inclusiva*, afirmam a travessia pelo nada em direção ao vazio pelas vias do acolhimento do estranho e de seu registro sensível. A documentação pedagógica é apresentada como ato de responsabilização ao inscrever e transmitir um lugar valoroso no mundo.

O professor como leitor privilegiado do cotidiano escolar, capaz de ofertar novos sentidos sobre a escola e seus alunos, é o tema abordado no Capítulo 7 por Melina Chassot Benincasa Meirelles em entrevista à educadora e pesquisadora italiana Marina Maselli. *O papel da documentação na educação: entre palavras e ações*, afirma Marina, é criar memórias ou, ainda, rastros de uma história a ser reinventada cotidianamente pela criança-sujeito em seus (des)encontros no e com o mundo.

Do brincar com as coisas ao brincar com o traço, as letras e as palavras no sentido de construir um lugar para viver é a proposição enunciada por Elaine Milmann no Capítulo 8. Em *Do letramento poético à poética do letramento*, a autora convida a ler a linguagem das crianças tidas como com TGD como singularidade e não déficit a ser corrigido, normalizado.

Como humanos, somos seres de palavras, não as usamos para comunicar algo já estabelecido em pensamento, pois elas são o próprio tecido do pensamento. É como se pudéssemos dizer que não usamos as palavras, mas somos usados, forjados por elas. As palavras são a matéria-prima do tecido do qual somos feitos. Sua tessitura única nos singulariza. Por isso, inserir nesse tear, cujo vai e vem quer contribuir para a formação de professores tomados pelo desafio de abrir o caminho das aprendizagens às crianças tidas como autistas

ou com TGD, os fios da experiência, da narração, da leitura e da escrita, têm como objetivo abrir espaço para que cada um dos envolvidos, ao se contar na vivência, constitua-se protagonista de uma história de ensino e aprendizagem.

Certamente, aceitar o convite para narrar por meio da escrita os efeitos de um encontro com aquele cujos caminhos de aprendizagem não obedecem aos trajetos ordinários das crianças tidas como “normais” é se propor a compartilhar os efeitos da travessia de um perigo. Apresentar-se a esse compartilhamento não se situa, necessariamente, na ordem da bravura ou da coragem, mas pode sustentar-se na aposta de que, ao nos contarmos nessa travessia, possamos, por meio dessa *contação*, encontrar e tecer o lugar que, nela, foi e é de cada um. A aposta em contar-se na experiência – que é, em si mesma, a produção de uma experiência – contém o desejo de esse ato trazer como efeito o adensamento de nosso lugar de sujeitos capazes de empreender a travessia de um perigo donde sairemos expandidos em nossa possibilidade de sustentar a ampliação do espectro do viver e do contar. Assim, o Capítulo 9, *Itinerante*, escrito por Jeferson Mello Rocha, faz pulsar essa aposta e esse movimento. Poucas palavras descreveriam tão bem os processos de inclusão escolar e a condição de professores e alunos que deambulam daqui para lá, de lá para cá, entre a rua e a sala de aula, entre a sala regular e a sala de recursos, entre a aposta e a descrença, afirma o autor no momento de fechar e abrir o livro; como aquele que transita, que viaja, que se desloca no exercício de uma função que não tem parada, que está sempre a caminho...

É no tecido esgarçado da psicanálise, da educação especial, da formação de professores e também da literatura e da estética que este livro se abre ao leitor. Longe de esgotar sentidos, o que ora se mostra é um campo em construção marcado por respostas provisórias. Nosso desejo: que as palavras aqui tecidas, as dúvidas urdidas, enlacen outros e novos diálogos.

Boa leitura!

Carla K. Vasques
Simone Zanon Moschen
(Organizadoras)